

O MÉTODO DIALÉTICO NA HISTÓRIA DO PENSAMENTO FILOSÓFICO OCIDENTAL

THE DIALECTIC METHOD IN THE HISTORY OF WESTERN PHILOSOPHICAL THOUGHT

*Eliesér Toretta Zen¹
Antonio Donizetti Sgarbi²*

Resumo: O presente artigo tem por objetivo discutir as diversas concepções da “dialética” na história da filosofia ocidental. A partir de uma pesquisa bibliográfica e busca traçar alguns apontamentos que possam ser úteis aos pesquisadores, que ainda não tem formação filosófica, e que se iniciam na pesquisa utilizando-se do método “histórico dialético”.

Palavras-chave: Método. Dialética. Histórico dialético.

Abstract: This article aims to discuss the various conceptions of "dialectic" in the history of western philosophy. From a literature search to trace some notes that might be useful to researchers, who still have no philosophical training, and that start in the search using the method “dialectical history”.

Keywords: Method. Dialectics. Historical dialectic.

1. Introdução

O método dialético (crítico-dialético; histórico dialético; materialista dialético) tem sido valorizado por inúmeros pesquisadores brasileiros nas mais diversas áreas do conhecimento, para lembrar alguns poucos nomes, tomando como exemplo o campo da pesquisa em educação temos: Angela Cristina Belém Mascarenhas (UFG); Conceição Paludo (UFPel); Edson Marcelo Hungaro (UnB); Erlando da Silva Rêses (UnB); Fernando Bilhalva Vitória (UFPel); Gisele Masson (UEPG); Margarita Victoria Rodriguez (UFMS); Maria Gorete Bezerra Araújo (UFS); Maarly de Jesus Siveira (UnB); Mônica Catagna Molina (UnB); José Vieira de Sousa (UnB); Patrícia Laura Torriglia (UFSC); Raquel de

¹ Doutor em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo-Ufes. Professor efetivo de filosofia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado do Espírito Santo-Ifes. E-mail: elieserzen@hotmail.com

² Doutor em Educação pela PUC/SP, professor EBTT do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo (Ifes). Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades (PPGEH) do Ifes. E-mail:sgarbi.ad@gmail.com

Almeida Moraes (UnB); Ruth Catarina Cerqueira Ribeiro de Souza (UFG); Solange Lacks (UFS); Solange Martins Oliveira Magalhães (UFG); Sonia Meire Santos Azevedo de Jesus (UFS); Vidalcir Ordigara (UNESC); Wellington de Jesus (UCB)³, entre outros.

Ultimamente tal método tem sido também utilizado em programas da área de Ensino como é o caso dos Programas de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática e Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades, ambos do Instituto Federal do Espírito Santo – Ifes. Programas como estes, são de área interdisciplinar ou multidisciplinar, sendo assim, nem todos os pesquisadores que atuam nestes programas têm formação filosófica, assim sendo preparamos um texto onde é retomada a história da filosofia ocidental, para a partir da temática “método dialético” dirigido em especial os pesquisadores que se iniciam na pesquisa utilizando-se do método dialético (dialético-crítico; histórico-dialético; materialista dialético).

Faz-se aqui um recorte histórico perpassando os diversos períodos da filosofia: antiga, medieval, moderna e contemporânea. Assim o objetivo deste ensaio é explicitar as diferentes concepções da “dialética” na história da filosofia ocidental. Desse modo, o presente artigo prima por lembrar de forma sucinta alguns aspectos da história da filosofia e como finalidade identificar, caracterizar e distinguir as diferentes concepções de dialética em cada período histórico, mas, sobretudo, situar e fundamentar nesse devir histórico, a opção que os pesquisadores da área do ensino têm feito pelo método do materialismo histórico-dialético.

2. A presença da dialética na Filosofia Antiga

Na filosofia antiga, no pensamento dos primeiros filósofos, considerados pré-socráticos já se fazia presente o embate em torno da dialética. O principal objetivo dos filósofos pré-socráticos consistia em explicar racionalmente por meio de elementos naturais, portanto, materiais, o surgimento, a ordem e a multiplicidade dos seres que existem no Universo. Romperam com a narrativa mítica de compreensão da realidade ao fundamentarem na razão a explicação dos fenômenos naturais. Dessa forma, desmitificaram

³ Estes autores foram citados porque escreveram uma obra, organizada por Célio da Cunha, José Vieira de Souza e Maria Abádia da Silva, intitulada “O método dialético na pesquisa em Educação”, publicada em 2014, pelas editoras Autores Associados, de Campinas e Faculdade de Educação da UnB, Brasília.

a realidade e construíram uma cosmologia (ordem e organização do mundo) em oposição às cosmogonias (narrativa sobre o nascimento e a organização do mundo a partir de forças geradoras divinas) e as teogonias (narrativa da origem dos deuses a partir de seus pais e antepassados) características do mito que atribuíam o nascimento dos seres e a organização do mundo a forças e poderes sobrenaturais. Dessa forma, dentre os principais filósofos pré-socráticos destacamos Parmênides (530-460 a.C) e Heráclito (535-475 a.C.). Parmênides, em sua ontologia⁴, afirmou a imutabilidade de todos os seres, criando uma concepção estática da realidade, banindo dela toda possibilidade de mudança, pois o ser é único e não múltiplo, de forma que o ser é o não ser não é. Assim, para Parmênides, admitir a mudança dos seres nos levaria a impossibilidade de conhecê-lo, pois não poderíamos conhecer um ser que ao mesmo tempo é e não é (negação do princípio da identidade e da não contradição).

Todavia, Heráclito de Éfeso, combatendo as ideias parmenídicas irá afirmar a mutabilidade da realidade, ou seja, seu caráter dialético e processual. De seus escritos conhecemos apenas alguns fragmentos nos quais se pode ler que tudo que existe esta em constante mudança, que o conflito governa todas as coisas. Lê-se também que a luta dos contrários vida e morte, sono e vigília, juventude e velhice são realidades que se transformam umas nas outras. Em especial os fragmentos nº 49 e 91 tornaram-se célebre de sua filosofia, neles se lê “nos mesmos rios entramos e não entramos, somos e não somos. O deus é dia noite, inverno verão, guerra paz, saciedade fome” (PENSADORES, s/d, Alegorias). Ao contrário de Parmênides, Heráclito inaugura na filosofia ocidental uma concepção dialética do ser, compreendendo-o como dinamismo universal, harmonia dos contrários, que nunca cessam de se transformar uns nos outros. Em síntese, qual é a concepção de dialética que se faz presente entre os pré-socráticos, em especial em Heráclito? Na verdade encontramos uma concepção dialética da realidade, como movimento eterno e dinâmico, de forma que tudo que existe esta em contínua e perene mudança, em um eterno vir a ser, o devir incessante da realidade e dos seres. Pode-se, ainda, identificar a perspectiva dialética na filosofia socrática; na teoria do conhecimento de Platão e na metafísica de Aristóteles. Sócrates (470-399 a.C) nasceu e viveu em Atenas,

⁴ A ontologia nos remete à metafísica de Aristóteles. Assim, para Abbagnano (1998, p.661) “na obra de Aristóteles esse conceito mescla-se com o outro, de Metafísica como ontologia, que é a ciência do ser enquanto ser, doutrina que estuda os caracteres fundamentais do ser”.

Grécia. Filho de um escultor e de uma parteira, nada escreveu o que sabemos de seu pensamento, o devemos a Platão, seu mais ilustre discípulo. Com Sócrates a filosofia deixa de indagar as questões relativas à origem e ordem do Universo e se volta para aquelas referentes ao ser humano, como por exemplo, a ética e o conhecimento.

Para Sócrates o ser humano se quiser atingir o conhecimento verdadeiro precisa seguir um método, constituído de dois momentos, ironia e maiêutica. A ironia socrática difere do sentido comum que a damos em nosso cotidiano, quando afirmamos uma coisa querendo dizer outra, por exemplo, dizemos que algo é belo quando na verdade o consideramos feio. Por sua vez a ironia socrática consiste em perguntar, simulando não saber. Desse modo, o interlocutor expõe sua opinião, à qual Sócrates contrapõe com argumentos que o fazem perceber a ilusão do conhecimento; já a maiêutica significava o processo educativo socrático de fazer perguntas a fim de conduzir o discípulo a alcançar por si só o conhecimento verdadeiro. Por conseguinte a maiêutica socrática constitui-se na investigação dos conceitos, conduzindo o interlocutor a fazer novas perguntas para que possa chegar ao conhecimento verdadeiro por si mesmo. Deveras, Platão (428-347 a.C) foi o principal discípulo de Sócrates e incorporou em seu pensamento de forma renovada algumas das ideias de seu mestre. Dessa forma, no *Mito da Caverna* que é uma alegoria sobre a teoria do conhecimento, Platão explicita o caminho que devemos percorrer para alcançar o conhecimento verdadeiro da realidade. Sendo assim, a teoria do conhecimento platônica é constituída de dois momentos: *doxa* e *episteme*.

A *doxa* consiste no conhecimento sensível que se fundamenta nos sentidos. Como os sentidos (tato, audição, olfato, paladar e visão) são imperfeitos, não podemos confiar neles como fonte segura do conhecimento. Assim, conclui Platão, de que os sentidos, sendo limitados, produzem um conhecimento superficial e aparente da realidade. Em contraste com a *doxa*, a *episteme* diz respeito ao conhecimento inteligível, que se fundamenta na alma racional (razão) e que alcançamos pelo pensamento. Desse modo, em sua obra “Fédon”, Platão afirmara que o conhecimento verdadeiro se assenta nas ideias imateriais, que ao se libertar do mundo dos sentidos, alcançaria a essência dos seres, por meio da atividade racional:

Então, acaso a alma não raciocina melhor quando nenhum desses sentidos a perturbe, nem a vista, nem o ouvido, nem o prazer, nem a dor, mas

quando se recolhe só em si mesma e, deixando o corpo e rompendo o contato e a comunhão com o corpo na medida do possível, com toda a sua força fixe o olhar no ser? (PLATÃO, 1980, p.65).

Portanto, a diferença entre os dois planos ou esferas da realidade, o plano inteligível e o plano do sensível, constitui verdadeiramente o pressuposto de toda a filosofia platônica relativa ao conhecimento. Assim, a teoria do conhecimento de Platão é coerente com sua concepção antropológica dualista, admitindo ser o corpo a prisão da alma e obstáculo ao conhecimento verdadeiro, por estar preso e refém do mundo sensível, das aparências. O ser humano, para Platão, só alcançaria um conhecimento verdadeiro do mundo e das coisas, libertando-se das cavernas do corpo, dos sentidos, do simulacro, alçando voo para além do mundo fenomênico e superficial da realidade e de si mesmo, até atingir por meio da razão a essência verdadeira das coisas, que para ele, estaria no mundo das ideias.

Aristóteles (384-322 a.C.) discípulo de Platão, porém divergindo de seu mestre, não julgava o mundo dos sentidos como ilusório. Pelo contrário, o mundo sensível é um mundo real. Desse modo, não afastava como ilusórias e imperfeitas a multiplicidade e o devir, como o fizeram Sócrates e Platão. Assim, afirmara que a essência dos seres não se encontrava separada deles, negando, portanto, que o movimento é o *não ser*. Então, como Aristóteles resolve o problema relativo ao conhecimento dos seres? Aristóteles responde a essa questão com uma compreensão originária da multiplicidade dos sentidos do ser que constitui a base de sua ontologia. O ser para ele não tem um sentido, mas vários, exprimindo-se em uma multiplicidade de significados. Eis a célebre passagem na qual Aristóteles enuncia a sua compreensão filosófica sobre o ser:

Assim, pois, também o ser se diz em muitos sentidos, mas todos em referência a um único princípio: algumas coisas são ditas ser porque são substâncias outras porque são afecções da substância, outras porque são vias que levam à substância, ou porque são corrupções ou privações, ou qualidades ou causas produtoras ou geradoras, seja da substância, seja do que se refere à substância, ou porque são negações de algumas dessas, ou negações da substância (ARISTÓTELES, 1980, p.103).

Para o estagirita, o centro unificador dos significados de ser é a *ousía*, ou seja, a *substância*. Além da substância que define os seres, segundo Aristóteles, todos os seres existem em *ato* e *potência*. O *ato* é o estado atual dos seres. A *potência* é o estado futuro do

ser, ou seja, *seu vir a ser*, significando que todo ser, existe ao mesmo tempo, em ato e potência. Como exemplo, tomamos uma árvore. Antes de existir como árvore, ela existe como semente. A semente já traz em si mesma, adormecida, a potencialidade de ser, ou seja, a potencialidade de se tornar uma árvore; assim como uma criança, já traz dentro de si, as potencialidades de se transformar em um adolescente, jovem, adulto e ancião. Em síntese, que concepções de dialética emergem desses pensadores? Concluímos que em Sócrates, a dialética é a arte do diálogo, do debate; em Platão, é uma dialética idealista, que busca o conhecimento verdadeiro, que está no mundo das ideias; já em Aristóteles, é uma dialética realista que se faz presente em sua ontologia do ser, expressa em sua teoria do ato e da potência.

3. A dialética no período medieval

Durante o período da filosofia medieval o estudo da dialética, denominada ali lógica, era parte integrante dos estudos do *trivium*, composto pela “retórica”, “lógica ou dialética” e a “gramática”. O *trivium* junto com o *quadrivium* (“música”, “aritmética”, “geometria” e “astronomia”) formavam as sete artes liberais. Primeiramente a dialética aparece na Patrística, por meio do pensamento de Santo Agostinho (354-430) ao dar uma roupagem cristã à filosofia platônica (neoplatonismo) buscou afirmar a supremacia do conhecimento revelado em relação ao conhecimento racional. No início de sua principal obra *Confissões*, escrita por volta do ano 400, consiste em uma obra autobiográfica, em que Agostinho descreve o seu percurso intelectual, abordando problemas filosóficos e teológicos.

Assim se expressa Agostinho, no início de *Confissões*, “nosso coração vive inquieto, enquanto não repousa em vós” (AGOSTINHO, 1980, p.60). A inquietude é o ponto de partida do filosofar de Agostinho. Ele fez de sua vida uma busca incessante pela verdade⁵. Para Agostinho somente seguindo a revelação divina é que as pessoas poderão alcançar pela graça divina a verdade. É nesse sentido, que para Agostinho e os medievais, a Bíblia contém toda a verdade de que o ser humano precisa para viver por ser a Palavra de

⁵ É preciso esclarecer que o sentido de verdade situa-se dentro do contexto histórico da época em que viveu Agostinho, “no qual, por verdade, se entendia algo imutável. Não se tratava evidentemente de verdades fatuais, verdades que se constatarem experimentalmente” (LARA, 1999, p.35).

Deus revelada à humanidade. Desse modo, a patrística faz uma apologia da fé e a considera um conhecimento superior ao conhecimento adquirido por meio da razão humana (filosofia). Neste contexto em defesa do conhecimento contexto, por meio das artes liberais Agostinho exalta a dialética como sendo a disciplina das disciplinas com as seguintes palavras:

Uma vez completa e sistematizada a gramática, a razão foi estimulada a pesquisar e voltar sua atenção àquela mesma força pela qual ela gerou a arte, pois, através de definições, divisões e sínteses, não só a havia classificado e ordenado, mas também a defendera de qualquer insinuações furtiva de falsidade. Pois como podia passar a outras construções se antes não distinguisse, notasse e classificasse seus próprios instrumentos e meios e passasse adiante para produzir a disciplina das disciplinas, que se chama dialética? Esta proporciona a metodologia para ensinar e aprender; por ela a própria razão se mostra e se revela o que é o que deseja, o que pode. Dá certeza do saber; somente ela não apenas quer, mas também pode fazer com que tenhamos conhecimentos (AGOSTINHO, VIII, 38).

Por sua vez a escolástica⁶ na esteira do pensamento de Tomás de Aquino (1225-1274) procurava harmonizar fé e razão, as verdades reveladas e as verdades racionais. Para o pensamento tomista (relativo a Tomás de Aquino) não havia necessariamente uma contradição entre as verdades reveladas e as verdades racionais, entre teologia e filosofia, pois ambas emanam do mesmo e único ser, Deus. A escolástica, desenvolveu-se do século IX ao século XVI. Os *scholasticus* eram os professores de artes liberais inicialmente, mais tarde estes passaram a lecionar a filosofia e a teologia. E foi do desenvolvimento da dialética que surgiu a escolástica. Segundo Abbagnano “[...] as formas de ensino medieval eram duas (*lectio*, que consistia no comentário de um texto, e *disputatio*, que consistia no exame de um problema através da discussão dos argumentos favoráveis e contrários) [...]” (ABBAGNANO, 2000, p. 344). Neste sentido o apreço à lógica ou dialética já que era uma disciplina que “armava” as pessoas para bem argumentarem nos debates. Entre os grandes debates da época estavam a dialética e a metafísica. Um dos grandes filósofos escolástico, teólogo e lógico da época foi Abelardo (1079 – 1142) que escreveu o livro “Lógico para principiantes”, onde podemos ler a seguinte passagem:

⁶ Para Abbagnano (1998, p.344) “[...] na Idade Média, era chamado de *scholasticus* o professor de artes liberais e, depois, o docente de filosofia ou teologia que lecionava primeiramente na escola do convento ou da catedral, depois na Universidade [...]”.

Para aqueles dentre nós que se iniciam no estudo da lógica digamos algumas palavras sobre as suas propriedades, e comecemos por tratar do gênero a que ela pertence, ou seja, a filosofia. Boécio não denomina qualquer ciência filosófica, mas só aquele que consiste no estudo das coisas mais elevadas. De fato, não damos o nome de filósofos a quaisquer estudiosos, mas apenas aos sábios cuja inteligência se aprofunda nas considerações das questões sutis. Boécio distingue três espécies de filosofia, isto é, a especulativa, que investiga a natureza das coisas; a moral, que considera a questão da vida honesta; e a racional, denominada lógica pelos gregos e que trata da argumentação (ABELARDO, 1973, p. 207).

Em síntese, a dialética no período medieval está tanto na patrística como na escolástica. A concepção de dialética dessas correntes de pensamento busca harmonizar o que parecia antagônico, ou seja, o ideal da fé com a razão humana, as verdades reveladas e as verdades racionais tendo como objetivo a contemplação do mundo e não a sua transformação. Durante esse transcurso histórico tendo como propósito superar um ambiente de pessimismo teórico que predominou no fim do século XVI e início do século XVII, já que a cristandade colocava sempre a razão a serviço da fé, foi nascendo e se consolidando a filosofia moderna.

4. A presença da dialética na Filosofia Moderna

A filosofia moderna situa-se desde o começo do século XVII a meados do século XVIII. Do ponto de vista da historiografia filosófica, Descartes (1596-1650) é considerado o fundador da filosofia moderna. Descartes partiu da dúvida para criar um método que pudesse alcançar o conhecimento verdadeiro:

O primeiro era de nunca aceitar coisa alguma como verdadeira sem que a conhecesse evidentemente como tal; ou seja, evitar cuidadosamente a precipitação e a prevenção, e não incluir em meus juízos nada além daquilo que se apresentasse tão clara e distintamente a meu espírito, que eu não tivesse nenhuma ocasião de pô-lo em dúvida. O segundo, dividir cada uma das dificuldades que examinasse em tantas parcelas quantas fossem possível e necessário para melhor resolvê-las. O terceiro, conduzir por ordem meus pensamentos, começando pelos objetos mais simples e mais fáceis de conhecer, para subir pouco a pouco, como por degraus, até

o conhecimento dos mais compostos e, o último, fazer em tudo enumerações tão completas, e revisões tão gerais, que eu tivesse certeza de nada omitir (DESCARTES, 1996, p.23).

Efetivamente, Descartes fundamenta sua filosofia no *cogito ergo sum* (penso, logo existo), ou seja, no pensamento, na subjetividade, derivando dela a existência do ser humano e do mundo exterior. Desse modo é o principal representante do racionalismo moderno. Com efeito, na filosofia moderna a dialética será caracterizada pelo embate entre empirismo e racionalismo⁷. Para o empirismo a única fonte verdadeira do conhecimento humano é a experiência sensorial; em sentido contrário o racionalismo afirmara ser a razão a única origem verdadeira do saber humano. Assim, a disputa teórica sobre a origem e fundamento do conhecimento humano que se fez presente entre as filosofias empirista e racionalista foi retomada por Immanuel Kant (1724-1804). Ao criticar o empirismo, para o qual a fonte verdadeira do conhecimento humano é a experiência sensorial e o racionalismo que afirmara ser a razão a origem autêntica do saber humano, Kant, inaugurou uma nova forma de conhecer que chamou de criticismo. O criticismo kantiano⁸ indagara sobre as possibilidades e limites do conhecimento humano afirmando que o conhecimento é resultado da síntese entre a experiência (sensibilidade) e a razão (entendimento).

De fato, para Kant (2009) é a própria razão quem deve submeter-se a um exame crítico que lhe permita conhecer suas capacidades e limites, daí o título de sua principal obra: *Crítica da razão pura*. É nessa obra que Kant formula sua concepção de uma filosofia transcendental, isto é, uma investigação que, busca conhecer não o que os objetos são em si mesmos (a coisa em si), mas tão somente a forma como nosso intelecto pode conhecê-lo. Pode-se afirmar que essa obra consiste, por um lado, no exame da estrutura interna da razão; por outro, na investigação de seu funcionamento.

⁷ Segundo Hessen (1987, p.54) “à tese do racionalismo, segundo a qual a verdadeira fonte do conhecimento é o pensamento, a razão; o empirismo (de *empeiria*, experiência) contrapõe a antítese, dizendo que a única fonte do conhecimento humano é a experiência”. Dentre os principais filósofos empiristas destacam-se: John Locke, Thomas Hobbes, George Berkeley e David Hume. Os principais filósofos do racionalismo foram: René Descartes, Baruch Spinoza e Gottfried Leibnitz.

⁸ Kant afirmara ser objetivo de sua filosofia investigar: o que posso saber? O que devo fazer? O que posso esperar? O que é o homem? Em relação à primeira questão Kant concluiu que não é possível conhecer “a coisa em si”; a segunda pergunta objeto da moral tematizada em sua obra *Crítica da Razão Prática* foi resolvida no imperativo categórico kantiano; A terceira questão toca no problema da esperança objeto da religião e a última questão é estudada pela antropologia filosófica.

Desse modo, o idealismo transcendental sintetiza a filosofia kantiana ao inquirir sobre as condições de possibilidades e limites do conhecimento humano. O idealismo transcendental kantiano dizia da impossibilidade de a razão conhecer *a coisa em si*, o *númeno*, sendo possível a ela (razão) apenas o conhecimento dos *fenômenos*, da aparência das coisas, não de sua essência. Em síntese, para Kant, o processo de conhecimento se dá de forma que a experiência sensível fornece os dados e os conteúdos do conhecimento e a razão, por meio de suas *formas a-priori da sensibilidade*, (essas formas são o espaço e o tempo, que são propriedades do sujeito, não do objeto), que as organiza, dando-lhes ordem e inteligibilidade. Todavia, o pensamento de Kant será retomado e criticado por Georg F.W. Hegel (1770-1831) na filosofia contemporânea.

5. A dialética na Filosofia Contemporânea

A partir do final do século XVIII, mais especificamente da Revolução Francesa, ocorrida em 1789, temos o início da Filosofia Contemporânea. Em termos de dialética destaca-se no início deste período o pensador Georg F.W. Hegel (1770-1831). Hegel criticara a concepção de idealismo transcendental de Kant na qual o sujeito (consciência) é considerado formalmente, metafisicamente, sem que se pergunte pelo processo de formação da consciência. De acordo com a filosofia hegeliana “o real é racional e o racional é real”, ou seja, tudo que existe é ideia ou Espírito. O Espírito, a seu ver, a razão absoluta exteriorizada na história, a ideia absoluta, é o princípio originário e a única realidade que se exterioriza⁹ de maneira imediata na natureza, de forma *triádica*, ou seja, a ideia em si; a ideia fora de si e a ideia que retorna a si. A ideia em si é o demiurgo (criador) da natureza e da história. Na verdade, Hegel inaugura uma nova concepção da dialética. O pensador alemão criou um método dialético que concebeu de forma idealista.

⁹ De acordo com Ranieri (2011, p.77) é necessário distinguir entre alienação e estranhamento no pensamento de Hegel de forma que “toda *alienação* tem o sentido de exteriorização (ou extrusão) que é, ao mesmo tempo, realização histórico-política do espírito e constituição de seu reconhecer-se no percurso rumo ao saber absoluto, portanto, resultado da atividade material. Já o *estranhamento*, por seu turno, remete à disparidade que tais alienações ou exteriorizações apresentam no momento da objetivação material do espírito no plano da particularidade e singularidade”.

Na *Fenomenologia do Espírito*, Hegel (2013) explicita por meio de sua filosofia o movimento que a consciência, a ideia, tem de percorrer até atingir o reconhecimento de si mesma. De fato, a dialética hegeliana consiste no caminho que o Espírito Absoluto (Ideia) faz até atingir o autoconhecimento de si mesmo, nas formas de espírito objetivo e subjetivo até chegar ao saber absoluto. Esse processo consiste no caminho que a consciência realiza superando a certeza sensível até alcançar o autoconhecimento. Convergindo com essa perspectiva, afirma Hegel:

Porém, a consciência-de-si não é toda a realidade somente *para si*, mas também *em si*: porque *se* torna essa realidade, ou antes, porque *se demonstra* como tal. Assim *se demonstra* através do *caminho*, no curso do qual o ser-outro, como *em si*, desvanece para a consciência: primeiro, no movimento dialético do ‘visar’, do perceber e do entendimento. Demonstra-se depois, no movimento através da independência da consciência, na dominação e escravidão; através do pensamento da liberdade [estoicismo], da libertação céptica e da luta de libertação absoluta da consciência cindida em si mesma; movimento em que o ser-Outro desvanece *para a consciência* enquanto é somente *para ela* (HEGEL, 2013, p.172).

Deveras, o caminho de reconhecimento de si mesma que a consciência realiza é um processo reflexivo que implica interações entre as consciências em si e para si. Na dialética hegeliana esse processo é histórico. Nesse sentido, para Hegel, as formações sociais que existiram no decorrer da história expressaram e expressam uma determinada ideia ou espírito do tempo, como de fato ocorreram com o escravismo, o feudalismo e o capitalismo. Em síntese, a história¹⁰ é para Hegel o horizonte de realização do espírito absoluto, que se exterioriza na história mundial em quatro momentos: mundo oriental, mundo grego, mundo romano e mundo alemão. (Na verdade Hegel menciona o mundo germânico no qual o alemão se encontra, mas não se restringe a este). Realmente, Hegel, via nesse movimento histórico um caminho pelo qual o espírito absoluto alcançaria o reconhecimento de si mesmo, num movimento, dialético, de exteriorização e superação de si mesmo, conforme vimos acima (ideia em si, ideia fora de si e ideia que retorna a si). Em síntese, a grande

¹⁰ Dussel (1993; 2009) criticará essa concepção eurocêntrica da história presente no pensamento hegeliano que ao dividir a história mundial em quatro grandes momentos deixou de fora o oriente e supervalorizou o ocidente em uma clara perspectiva eurocêntrica.

contribuição e originalidade de Hegel para a história do pensamento humano foi ter criado uma concepção dialética da realidade que supera as concepções antiga e medieval, pois a concebeu de forma *triádica* tendo como dimensões constitutivas a historicidade e a contradição.

Por outro lado, no contexto da filosofia contemporânea temos um filósofo alemão, que influenciado pelo pensamento hegeliano, recriou e revolucionou a concepção de dialética. Esse filósofo, foi Karl Marx (1818-1883). Ademais, a concepção dialética de Marx não deve ser compreendida fora do contexto social, cultural, político e econômico em que viveu bem como da totalidade de seu pensamento. Como vimos acima, Marx nasce em 1818 e morre em 1883, portanto, vivenciou o nascimento, a consolidação e a reprodução da ordem burguesa nos principais países da Europa (Inglaterra, França, Alemanha) e Estados Unidos.

Conforme descrito por Netto (2011) as três fontes do pensamento de Marx foram: a filosofia clássica alemã, G.W.F. Hegel e Ludwig Feuerbach; a economia política clássica inglesa, Adam Smith e David Ricardo e o socialismo utópico francês. Seu pensamento transita por diversas áreas: história, economia, sociologia, arte, direito e filosofia. Sendo assim, destacamos dois traços constitutivos de seu pensamento e de sua vida: a luta por uma “causa”, uma utopia que o acompanha por toda a vida, a perspectiva revolucionária da sociedade, ou seja, a transformação da sociedade capitalista e até o advento do comunismo; e o fato de que seu pensamento ser a expressão de um movimento social de um sujeito histórico que porta um projeto revolucionário da sociedade burguesa, ou seja, a ascensão do proletariado.

Coerentemente, é a causa do proletariado que Marx assume como projeto de sua vida e que dedicará o melhor de seus esforços. Desse modo, a dimensão teórica e política convergem para uma unidade em Marx, não havendo uma dicotomia entre o intelectual e o político militante. Para tanto, buscou compreender pelo pensamento o movimento da sociedade capitalista, apreender as contradições e as determinações constitutivas das relações sociais entre capital e trabalho. Assim, a dialética marxiana situa-se dentro desse contexto mais amplo esboçado aqui de forma resumida.

Dessa forma, Marx buscou na filosofia de Hegel, as bases fundamentais para elaborar uma concepção original de dialética. Como vimos, se para Hegel o que existe é a

ideia, o espírito absoluto como fundamento último da realidade, para Marx, a ideia não tem existência independente da realidade material. As ideias não tem existência autônoma descolada da matéria. Para Marx as ideias estão encarnadas em uma dada realidade material, tanto do ponto de vista das relações sociais, por serem produzidas e elaboradas nessas relações, como do ponto de vista, da própria constituição corpórea do ser humano, que para pensar necessita de um corpo, de um cérebro, como casa, sustentáculo e sede de suas ideias. Desse modo argumenta:

Meu método dialético, em seus fundamentos, não é apenas diferente do método hegeliano, mas exatamente seu oposto. Para Hegel, o processo de pensamento, que ele, sob o nome de Ideia, chega mesmo a transformar num sujeito autônomo, é o demiurgo do processo efetivo, o qual constitui apenas a manifestação externa do primeiro. Para mim, ao contrário, o ideal não é mais do que o material, transposto e traduzido na cabeça do homem (MARX, 2013, p.90).

Na verdade, Marx desenvolve uma concepção original de dialética, a dialética materialista histórica, que se difere e se opõe à dialética idealista hegeliana. Por isso, o processo de conhecimento na perspectiva do materialismo histórico-dialético parte do concreto para o abstrato e do abstrato para o concreto, em que o pensamento procura conhecer o movimento dialético da realidade representando-o e recriando-o por meio da ideia. Essa perspectiva teórico-metodológica assevera que:

Para que o pensamento possa se mover do abstrato ao concreto tem de mover-se no seu próprio elemento, isto é, no plano abstrato, que é a negação da imediatividade, da evidência e da concreticidade sensível. A ascensão do abstrato ao concreto é um movimento para o qual todo o início é abstrato e cuja dialética consiste na superação desta abstratividade. O progresso da abstratividade à concreticidade é, por conseguinte, em geral movimento da parte para o todo e do todo para a parte; do fenômeno para a essência e da essência para o fenômeno; da totalidade para a contradição e da contradição para a totalidade; do objeto para o sujeito e do sujeito para o objeto. (KOSIK, 1976, p.30).

Como se pode verificar, nessa passagem encontramos alguns elementos constituidores da dialética materialista histórica, tais como: contradição, totalidade¹¹,

¹¹ Para Kosik (1976, p.42) “na filosofia materialista a categoria da totalidade concreta é, sobretudo e em primeiro lugar a resposta à pergunta: que é a realidade? e só em segundo lugar, e em consequência da solução materialista à primeira questão, ela é e pode ser um princípio epistemológico e uma exigência metodológica”.

aparência e essência, objeto e sujeito. A compreensão de que a realidade é dialética implica reconhecer que essas categorias não têm existência *a priori*, mas emergem a partir do movimento real do objeto.

Desse modo, para Lefebvre (1983) a perspectiva materialista histórico-dialética apresenta como características: estar direcionada à objetividade do real; buscar conhecer os nexos constitutivos da realidade a ser pesquisada captando no plano do pensamento as contradições do movimento do objeto; analisar o movimento e os conflitos presentes nas contradições; considerar a realidade como uma totalidade em que as partes estão interconectadas com o todo e o todo com as partes; compreender a provisoriedade de todo conhecimento humano e sua transitoriedade; considerar que o processo de conhecer a realidade é histórico e, portanto, inacabado; o processo de conhecimento busca superar a aparência fenomênica da realidade em direção à sua essência; o próprio pensamento deve ser transformado no processo da pesquisa, não se convertendo em doutrina ou uma camisa de força, que obriga a realidade a se enquadrar em sua teoria. *

Deveras, a diferença entre aparência e essência é fundamental para Marx e para todos os pensadores que adotam a perspectiva materialista histórico-dialética. Assim, conhecer para Marx é ser capaz de ultrapassar a aparência do real, dos fatos, dos fenômenos, da facticidade, da empiria e captar a essência do objeto, suas múltiplas determinações e contradições. Para ele, é indispensável à reflexão teórica um conhecimento esmerado do objeto, da dinâmica e estrutura que constitui a realidade a ser investigada. Dessa feita, a filosofia marxiana parte da aparência dos fenômenos em direção à essência. Desse modo,

Como a essência – ao contrário dos fenômenos – não se manifesta diretamente, e desde que o fundamento oculto das coisas deve ser descoberto mediante uma atividade peculiar, tem de existir a ciência e a filosofia. Se a *aparência fenomênica e a essência* das coisas coincidissem diretamente, a ciência e a filosofia seriam inúteis. O esforço direto para descobrir a estrutura da coisa e “a coisa em si” constitui desde tempos imemoriais, e constituirá sempre, tarefa precípua da filosofia. A filosofia é uma *atividade humana indispensável*, visto que a essência da coisa, a estrutura da realidade, “a coisa em si”, o ser da coisa, não se manifesta direta e imediatamente. Neste sentido a filosofia pode ser caracterizada como um esforço sistemático e crítico que visa a captar a coisa em si, a estrutura oculta da coisa, a descobrir o modo de ser do existente (grifo nosso). (KOSIK, 1976, p.17-18).

Destarte, como se pode verificar no texto acima, a tarefa fundamental da filosofia na perspectiva do materialismo histórico-dialético consiste em conhecer a realidade (objeto) para além de seus aspectos fenomênicos buscando captar e revelar sua essência. Portanto, nessa abordagem não há um conhecimento neutro, porque o próprio pesquisador está inserido, como sujeito, na realidade. O pesquisador ao pesquisar quer não apenas conhecer a realidade, mas contribuir para sua transformação, ou seja, a mudança da realidade exterior e a conversão de sua própria realidade enquanto sujeito pensante. De acordo com Netto (2011, p. 23):

A relação sujeito e objeto no processo de conhecimento teórico não é uma relação de externalidade; antes, é uma relação em que o sujeito está implicado no objeto. Por isso mesmo, a pesquisa e a teoria que dela resulta da sociedade exclui qualquer pretensão de 'neutralidade'. Entretanto, essa característica não exclui a objetividade do conhecimento teórico: a teoria tem uma instância de verificação de sua verdade, instância que é a prática social e histórica.

Como se pode verificar, a teoria, nessa perspectiva é o processo pelo qual o pensamento reproduz no plano das ideias o movimento real do objeto a ser pesquisado, o que não significa que essa reprodução tem uma dimensão mecanicista; pelo contrário, o sujeito tem um caráter ativo nesse processo o que implica a mobilização de seus conhecimentos, de sua imaginação e de sua criatividade, elementos fundamentais da subjetividade humana que se fazem presentes no processo de conhecimento (NETTO, 2011, 23). Portanto, para Marx o processo de conhecimento no materialismo histórico-dialético, implica em dois movimentos dialéticos entre si, o primeiro consiste na *investigação* da realidade, buscando conhecer seu movimento interno, sua estrutura, sua essência, para além de suas manifestações fenomênicas; posteriormente, em um segundo movimento, fazer a *exposição*, por meio do pensamento, do movimento real do objeto, de sua estrutura interna, ou seja, da essência que o constitui. Resumindo, nas palavras de Marx (2013, p. 90):

Sem dúvida, deve-se distinguir o modo de exposição segundo sua forma, do modo de investigação. A investigação tem de se apropriar da matéria [Stoff] em seus detalhes, analisar suas diferentes formas de desenvolvimento e rastrear seu nexos interno. Somente depois de consumado tal trabalho é que se pode expor adequadamente o movimento real. Se isso é realizado com sucesso, a vida da matéria é agora refletida idealmente, o observador pode ter a impressão de se encontrar diante de uma construção a priori.

Para o materialismo histórico-dialético a teoria cumpre o papel fundamental de “reproduzir” em categorias os fatos, buscando explicitar as múltiplas determinações (traços constitutivos do movimento do ser dos objetos, no caso de Marx, ao estudar a sociedade capitalista partiu de um objeto específico, a mercadoria) e não da população (que é uma abstração). Efetivamente, para o filósofo alemão, conhecer o real consiste, pois em ultrapassar, ir além de seus aspectos fenomênicos, ou seja, da aparência factual e superficial do mundo das coisas e do mundo social, procurando explicitar os seus aspectos determinantes, a sua estrutura interna, a sua essência. Entretanto, nesse processo as determinações do objeto, ou seja, sua estrutura e dinâmica, não se dão de forma imediata, precisa da mediação do pensamento, da razão, para captar a essência revelando dessa forma seu ser. Em síntese, o conhecimento para Marx é um processo dialético que vai do concreto ao abstrato e do abstrato ao concreto, ou seja, o concreto como concreto pensado é síntese de múltiplas determinações.

6. Conclusão

Concluindo, o movimento que realizamos de rememorar de forma sucinta alguns aspectos da história da filosofia teve como finalidade identificar, caracterizar e distinguir as diferentes concepções de dialética em cada período, mas, sobretudo, situar e fundamentar nesse devir histórico, a opção que os pesquisadores da área do ensino têm feito pelo método do materialismo histórico-dialético. Este caminho para se desenvolver trabalhos em diálogo com a práxis de pesquisas que discutem a realidade concreta, será um instrumento que ajudará no conhecimento desta realidade a ser investigada, bem como na análise e tratamento dos dados.

Vale lembrar que a construção da identidade de um Programa de Pós-Graduação é uma construção histórica que se desenvolve em meio diferentes interesses e visões de mundo, sobretudo quando se reúnem professores das mais diversas formações, como é o caso dos programas multidisciplinares. Isto se mostra de um lado como um ganho, já que reúnem professores em práticas ligadas às mais diversas disciplinares, mas, por outro lado existe sempre a preocupação, de se desenvolver estudos para aos poucos ir alinharmos os discursos, mantendo sempre a diversidade, mas também um denominador comum que pode estar, no método de trabalho, mas, sobretudo na concepção de realidade, de mundo e de vida em seu conjunto que antecede o próprio método. Assim esperamos que o aprofundamento dos pressupostos aqui discutidos possa ser útil para os que se iniciam na pesquisa optando pelo método histórico-dialético.

Referências

- ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1999/2000.
- ABELARDO, P. *Lógica para principiantes*. São Paulo: Abril, 1973;
- Abelardo e a dialética < <http://www.hottopos.com/notand18/pensfilabel.pdf>>
- AGOSTINHO. *Livro II*. 12. Propedêutica das artes liberais para a correta discussão do problema do mal. *A ordem*. Disponível em: http://www.filosofia.com.br/figuras/livros_inteiros/67.txt Acesso em: 06 jan. 2018.
- BOTTOMORE, T. *Dicionário do pensamento marxista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001;
- CUNHA; SOUSA, J. V.; SILVA, M. A. (Orgs.). *O método dialético na pesquisa em educação*. Campinas: São Paulo: Autores Associados. Brasília, DF: Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Unb, 2014.
- CHAUÍ, M. *Iniciação à Filosofia: ensino médio*. Volume único. São Paulo: Ática, 2010;
- DUSSEL, E. Meditações anticartesianas sobre a origem do antidiscurso filosófico da modernidade. In: SANTOS, Boaventura de Sousa Santos; MENESES, Maria Paula (Orgs.). *Epistemologias do sul*. São Paulo: Cortez, 2009;
- _____. *1492: o encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade*. Conferências de Frankfurt – Trad. Jaime A. Clasen. Rio de Janeiro: Vozes, 1993;
- HEGEL, G. W.F. *Fenomenologia do Espírito*. Trad. Paulo Meneses. 8 ed. Rio de Janeiro: Petrópolis: Vozes, 2013;
- HESSEN, J. *Teoria do conhecimento*. 8 ed. Armênio Amado. Editora Coimbra: Portugal, 1987;
- LARA, T. A. *Filosofia nos tempos e contratempos da cristandade ocidental*. Rio de Janeiro: Vozes, 1999;
- LEFEBVRE, H. *Lógica formal/lógica dialética*. São Paulo: civilização brasileira, 1983;
- MARX, K. *O capital: crítica da economia política*. Livro I. O processo de produção do capital. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013;

- NETO, J. P. *Introdução ao estudo do método de Marx*. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011;
- KANT, I. *Crítica da razão pura*. 5 ed. Lisboa, 2001;
- KOSIK, K. *Dialética do concreto*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- OS PENSADORES. *Descartes*. Editora Nova Cultural Ltda, 1996;
- _____. *Os pré-socráticos: vida e obra*. Editora Nova Cultural Ltda, 1996;
- _____. *Platão*. Editora Nova Cultural Ltda, 1980;
- _____. *Aristóteles*. Editora Nova Cultural Ltda, 1980;
- RANIERI, J. *Trabalho e dialética: Hegel, Marx e a teoria social do devir*. São Paulo: Boitempo, 2011.

Recebido em: 21/02/2018

Aprovado em: 12/03/2018